

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Quiluma da Imprensa Class.: 11

Data: 09/08/98 Pg.:

Comunidade indígena no Acre está cercada pelo tráfico

BRASILIA - Uma tribo de índios do Acre está cercada por narcotraficantes, madeiros e posseiros, às margens do rio Amona, na divisa daquele estado com o Amazonas. Os Ashaninka, que também são denominados de Kampa e vivem em comunidade de aproximadamente 300 índios, denunciaram ontem ao procurador geral da República, Aristides Junqueira, que nos últimos meses vem recebendo ameaças de morte por parte de narcotraficantes.

Essas ameaças, segundo denunciaram Antônio e Moises Pianko, ambos da aldeia localizada no afluente do rio Juruá, partiram de um traficante conhecido como Nanci Freitas, que insiste em obrigar sua aldeia a plantar cocaína. De acordo com os índios, que apresentaram as acusações em depoimento na procuradoria geral da República, duas entidades estão sendo consideradas omissas no caso: A

Fundação Nacional do Índio (Funai), por não ter demarcado a reserva, com área de 91 mil hectares, e a Polícia Federal, que, apesar de identificar os traficantes, não fez nenhuma prisão até agora.

"O Nanci Freitas tem lutado para que os índios plantem coca para ele", afirmou Moises Pian-

Representantes da aldeia Ashaninka vão até Junqueira

ko. "É isso que dá dinheiro, diz para nós, oferecendo sementes de coca e um negócio a base de troca", disse. A troca seria feita da seguinte maneira: os índios receberiam as sementes de coca de graça, para plantar em suas terras. Após a colheita, teriam uma participação nos lucros pela ven-

da do pó: "Um negócio de amigo para amigo, como eles dizem", afirmou Moises Pianko.

Além de Freitas, um posseiro chamado pelos índios de José do Sousa do Vale, que se apresenta à comunidade indígena como fiscal da Polícia Federal, estaria também envolvido no tráfico de drogas na região. Segundo os índios, ele e um grupo de narcotraficantes trazem a droga do Peru e a distribuem no Brasil a partir da cidade de Cruzeiro do Sul.

O procurador-geral, Aristides Junqueira, através de sua assessoria, afirmou que vai pedir à Funai, nos próximos dias, a demarcação da reserva, e a Polícia Federal, uma investigação completa sobre o tráfico de drogas na aldeia dos Ashaninka. Para os índios, que falam aruak e vivem da caça e pesca além da agricultura de subsistência, a liberação da área com a expulsão dos narcotraficantes e posseiros seria o caminho para a paz na aldeia.

Comércio de Curitiba ganha rua 24 horas

CURITIBA - Imagine um relógio com dois metros de diâmetro, 60 quilos de peso, com um ponteiro de 1,10m de comprimento e que, ainda por cima, marque 24 horas. Quatro exemplares iguais a este serão instalados no centro de Curitiba e servirão de portal para a Rua 24 Horas - um espaço criado pela prefeitura para abrigar lojas que não fecham, a ser inaugurado no dia 12 de setembro.

O maior ponteiro é o que marca as horas, ao contrário dos relógios convencionais. Ele dá apenas uma volta durante o dia inteiro. Mais ao centro, um ponteiro de 25 centímetros aponta os minutos que se passaram. Esta foi a forma encontrada pelos relojoeiros Carlos Guilherme Müller e Daniel Fachini, que projetaram a máquina, para viabilizar o projeto desenvolvido pelo Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Curitiba.

Suicídios ameaçam os Kaiowa

A reserva dos índios Kaiowa, onde nos últimos três anos houve o suicídio de 67 índios, será examinada por técnicos da Secretaria do Meio Ambiente (Sema) para implantação de um projeto de recuperação de áreas degradadas. Uma equipe de profissionais da Fundação Nacional de Saúde, secretaria do Meio Ambiente, Funai (Fundação Nacional do Índio) e lideranças indígenas e de organizações não governamentais seguiu para Dourados (MS) para iniciar a discussão de um projeto para atender a comunidade.

Toda a área da reserva já está desmatada, garante Jorge Terena, da secretaria do Meio Ambiente. Ele informou os técnicos da Sema pretendem estudar alternativas para recuperação da área dos índios que se encontra

cercada por fazendas onde se pratica a criação de gado. Acredita Terena, entretanto, que os programas de saúde e outros que serão discutidos são apenas paliativos diante da grande questão do grupo que a questão fundiária.

Os 22 mil índios Kaiowa estão distribuídos em 23 áreas localizadas em 16 municípios próximos a centros urbanos como a cidade de Dourados. Apenas 11 áreas estão demarcadas, e há menos de um hectare para cada indivíduo. Os problemas de aculturação, as seitas pentecostais que invadem a região e a questão fundiária são alguns dos motivos apontados pelos técnicos da Funai para o aumento no número de suicídio dos índios nos últimos anos. De 49 para cá já foram registrados 67 suicídios.